

3

A leitura hipertextual da Bíblia impressa

Trazia uma pequena ilustração, como é de uso nos dicionários: uma âncora desenhada à pena, como pela desajeitada mão de um menino.

Foi então que o desconhecido disse:

- Olhe-a bem. Já não a verá nunca mais.

Havia uma ameaça na afirmação, mas não na voz.

Fixei-me no lugar e fechei o volume. Imediatamente o abri.

Em vão busquei a figura da âncora, folha por folha. Para ocultar meu desconcerto, disse:

- Trata-se de uma versão da Escritura em alguma língua indostânica, não é verdade? (BORGES, 1999, 124)

Ler a Bíblia do Gênesis ao Apocalipse significa, nos meios cristãos, apreender todo o conteúdo do Livro sagrado. Mas nem sempre a Bíblia começa “No Princípio” e termina no “Amém”. Ainda que a leitura completa, seqüencial e ordenada dos 73 livros sagrados (ou 66 nas Bíblias protestantes) seja eventualmente empreendida por alguns cristãos – quase sempre com uma conotação de sacrifício, de verdadeiro exercício da fé –, a leitura não-linear é a que prevalece na maioria das comunidades.

Em relação ao conteúdo muitas são as formas de se ler a Bíblia, poucas equivalem ao modo tradicional, do começo ao fim do Livro. Às vezes o leitor elege um livro mais importante em função de sua doutrina, como no caso dos Evangelhos, ou um trecho que sintetize um pensamento ou que sirva de inspiração, como no caso de um dos Provérbios de Salomão. Há ainda os que escolhem uma parte que tenha se tornado sagrada apenas por sua localização entre os demais livros, como o Salmo 91 que, por estar no meio da Bíblia, ganha destaque todas as vezes que o Livro é aberto sobre os altares, passando a ser recitado de cor pelos fiéis mais dedicados.

Em geral, as leituras dos textos bíblicos encerram-se no formato de discursos narrativos. A história de sua formação, com origens na oralidade, é uma referência forte nesse sentido. Para Pierre Lévy essa herança lhe confere uma estrutura de leitura tipicamente narrativa:

A oralidade primária também está ligada ao devir pela forma “conto” ou “narrativa” que uma parte de seu saber toma. Os mitos são tecidos com os fatos e gestos dos ancestrais ou dos heróis; neles, cada entidade é atuante ou encontra-se personalizada, capturada em uma espécie de devir imemorial, ao mesmo tempo único e repetitivo. (LEVY, 1993, p.84)

Também Silnei Soares descreve o pensamento de Lúcia Santaella, que aponta essa característica quando determina que:

Das três modalidades de discurso verbal – a descrição, a narração e a dissertação – encontram-se de maneira muito mais nítida no discurso verbal escrito que no oral, especialmente a descrição e a dissertação. Logo, por inferência lógica, a narração está mais próxima da oralidade que da escrita. (SOARES, 2003)

Assim, a necessidade de memorização dos fatos narrados é tida como um dos antecedentes da estrutura de narrativas mitológicas dos textos bíblicos. Essa influência da oralidade terá influência em outros aspectos que tornam possível a leitura hipertextual da Bíblia.

Desde Aristóteles, passando pelos formalistas russos, foram vários os autores que definiram os conceitos de narrativa. Zoleva Felizardo (1969 apud CARDOSO, 2001, p.35) aponta, na linha estruturalista, que há uma certa organização comum a esse tipo de discurso que apresenta algumas características.

O estilo tradicional da narrativa impõe algumas peculiaridades, tais como: - unidade de ação – uma só situação importante centraliza a narrativa e envolve as personagens – unidade de tempo – em se tratando especialmente de um conto, a história se passa em curtos lapsos de tempo – unidade de lugar – ainda assumindo a narrativa as características de um conto, observa-se unidade de espaço, isto é, o lugar geográfico por onde as personagens circulam é sempre de âmbito restrito.

É importante a nota de João Batista Cardoso (2001) ao destacar que a noção de *estilo tradicional da narrativa* é uma referência às narrativas contemporâneas que rompem com essas características. O autor inclui ainda alguns outros elementos como: “enredo, personagens, tempo, espaço, ambiente e narrador.” (CARDOSO, 2001, p.36)

Mesmo os textos poéticos ou legislativos são elaborados em uma estrutura que apresenta essas unidades. O decálogo, por exemplo, é apresentado como uma ordem imperativa, na qual Deus é seu promulgador e o povo hebreu seu observante. Ainda que a leitura hipertextual da Bíblia não se encaixe numa estrutura tradicional da narrativa, ou seja, mesmo que os elementos de ação, tempo e espaço não se apresentem como unidades, esses se fazem presentes nas diversas leituras feitas no Livro sagrado. Logo, há diversas formas alternativas de leitura que não se fundamentam na seqüência tradicional, mas que dependem de interligações não lineares entre suas várias partes.

Falar de uma possível hipertextualidade na Bíblia impressa, no entanto, não chega a despertar nenhuma grande surpresa. De fato, alguns autores já perceberam essa característica e especularam situações sobre ela.

Considerando que o Protestantismo Evangélico na América preserva e amplia essas tradições de exegeses bíblicas, não surpreende a descoberta de que uma das primeiras aplicações do hipertexto envolviam a Bíblia e sua tradição exegética. (LANDOW, 1997, p.12, tradução nossa)

Entretanto, uma relação estabelecida por muitos autores aponta o uso de ferramentas e técnicas de busca (notas, referências e outras) como o elemento que torna a Bíblia um livro hipertextual (MAHARG, 2006). Isto aproximaria sua leitura ao modo de outros livros como enciclopédias e dicionários, como afirma Pierre Lévy:

A leitura de uma enciclopédia clássica já é do tipo hipertextual, uma vez que utiliza as ferramentas de orientação que são os dicionários, léxicos, índices, *thesaurus*, Atlas, quadros de sinais, sumários e remissões ao final dos artigos. (LÉVY, 1996, p.44)

A presença desses instrumentos na Bíblia, ao contrário do que acontece naqueles livros, não se limita a indicar somente caminhos de leituras pontuais, mas propõe discursos narrativos hipertextuais derivados de suas influências históricas e doutrinárias.

Antes de tudo, é importante entender de qual nível de hipertextualidade se está falando. Não são poucos os estudos e definições sobre esse tema, muitas vezes restritas à aplicação nos sistemas digitais. Também não chega a ser exceção a possível relação que há em outros livros impressos e sua leitura hipertextual. Muitos estudos apontam duas possíveis relações entre o livro e esse tipo de leitura. A primeira é a leitura hipertextual nos livros em cuja estrutura gráfica apresentam-se sistemas de indicações (*links*) como notas de referência, sumários, intercalações de informações e outros, mas que não constroem necessariamente ligações entre os blocos de informações (nós ou lexias) de modo a estabelecer-se um discurso narrativo. Há os exemplos dos livros em que o uso do sumário ou das notas de referência permitem determinar algumas características limitadas de hipertextualidade.

A outra relação é apontada naqueles livros impressos em que tais características são intencionalmente desenvolvidas para que o leitor seja induzido a uma visão hipertextual do conteúdo. Nesses casos, são emblemáticos os exemplos como o livro “Jogo da Amarelinha”, de Júlio Cortázar, que apresenta uma possibilidade hipertextual através da não-linearidade entre os blocos que compõem sua narrativa. Esses exemplos, por outro lado, limitam algumas das várias possibilidades do hipertexto uma vez que dependem de um direcionamento prévio de seus autores em relação às diversas leituras⁴⁶, o que fez com que George Landow (1992

⁴⁶ O autor indica mais de uma possibilidade para se começar a leitura do livro além da primeira página. Apesar disto configurar um aspecto do hipertexto, pela não-linearidade, ela não dá a liberdade para o leitor encontrar seu próprio caminho de leitura por

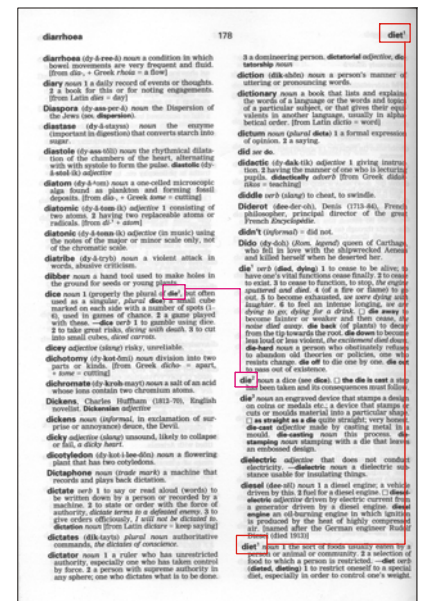


Figura 39 Página de dicionário mostrando uma ligação entre termos através de chamadas e no próprio corpo do texto.

apud SNYDER, 1997, p.83) as caracterizasse como “quase hipertextos”. Assim, mesmo desenvolvendo textos na forma narrativa, esses mantêm um certo fechamento, na medida em que os seus elementos, apesar de suportarem alguma alteração em relação à seqüência de leitura, não conseguem se sustentar numa busca ou reordenamento aleatório de suas partes.

Entretanto, a não-linearidade é apenas um dos elementos que podem determinar a leitura hipertextual de uma narrativa. Este capítulo apresenta uma análise da Bíblia impressa apontando como sua hipertextualidade se dá em um tipo de fusão entre as duas relações descritas anteriormente. Primeiro porque faz uso dos instrumentos gráficos de busca, ainda que em seu processo histórico esses tenham surgido em diversos momentos após sua composição, mesmo porque os autores dos textos não foram, necessariamente, os editores dos livros. Em seguida, como dito anteriormente, porque são bastante claros os aspectos de hipertexto que ela contém e que, em função de sua história e da história da própria Igreja, vão muito além de um conjunto de sistemas fechados de leituras.

Uma vez que podem ser diversos os fatores que determinam a hipertextualidade, para a efetivação da análise é necessário levantar e comentar os pensamentos de alguns autores acerca do tema que limitam as esferas com as quais se desenvolvem as reflexões acerca da Bíblia enquanto hipertexto. Assim, o presente capítulo se divide em duas partes. A primeira corresponde ao levantamento do referencial teórico e a segunda parte corresponde à análise de Bíblias impressas.

3.1.

Primeira parte: conhecendo a teoria

Quando dados de qualquer natureza são arquivados, eles se distribuem alfabeticamente ou numericamente e a informação é encontrada (quando o é) percorrendo-se de cima a baixo de subclasse a subclasse. [...]

A mente humana não funciona desse jeito. Ela opera por associação. Com um item a seu alcance, ela agarra instantaneamente ao próximo sugerido por associação de idéias, em concordância com algumas redes intrincadas de condução levadas pelas células cerebrais. (Vanevar Bush, “As we may think”, p.14, tradução nossa)

Hipertexto, hipermídia, multimídia. O primeiro grande dilema a ser discutido para uma melhor abordagem do tema está na diferenciação conceitual entre os três termos. Diversos autores os tratam, muitas vezes, como sinônimos, o que po-

qualquer lugar do livro. “All hypertext systems permit the individual reader to choose his or her *own center* of investigation and experience.” (LANDOW, 1997, p.13. grifo nosso)

TABLE OF INSTRUCTIONS	
In its own way, this book consists of many books, but two books above all.	
The first can be read in a normal fashion and it ends with Chapter 56, at the close of which there are three garish little stars which stand for the words <i>The End</i> . Consequently, the reader may ignore what follows with a clean conscience.	
The second should be read by beginning with Chapter 73 and then following the sequence indicated at the end of each chapter. In case of confusion or forgetfulness, one need only consult the following list:	
73-1-2-116-3-84-4-71	10-65-11-136-12-106-1
137-17-97-18-153-19-9	128-24-134-25-141-60
143-100-76-101-144-92	112-154-85-150-195-146
24-132-61-33-67-83-11	35-121-36-37-98-38-3
43-125-44-102-45-80-	119-51-69-52-89-53-66
127-56-135-63-88-72-1	
Each chapter has its number at the top of every right-hand page to facilitate the search.	

Figura 40 Parte da página que apresenta a tabela de instruções para navegação no livro de Júlio Cortazar.

de causar confusão na medida em há também referências de autores que adotam esses termos de formas distintas em situações específicas.

Para Pierre Lévy (1993), é creditado a Vannevar Bush a idéia do primeiro dispositivo de leitura hipertextual a partir da criação de um sistema de informação, onde o acesso se dá a partir de um computador de mesa que busca essas informações em um banco de dados remoto. Esse as guarda e disponibiliza, não segundo uma ordenação lógica linear, mas de forma associativa, como a mente humana, daí a sugestão para o nome do equipamento “Memex” (BUSH, 1945, p.14-15). Entretanto, o termo que mais tarde batizaria esse sistema de informação e que seria adotado até os dias de hoje foi cunhado pelo cientista da computação, Theodore Nelson, “para exprimir a idéia de escrita/leitura não linear em um sistema de informática” (LÉVY, 1993, p.29).

A idéia de hipertexto, originalmente, restringia-se à noção de troca de informações textuais, daí seu nome. Assim, a leitura de um texto poderia direcionar a uma leitura em outra fonte através de conexões temáticas por associação entre os assuntos.

Já o conceito de hipermídia é definido por Negroponte como:

[...] um desenvolvimento do hipertexto, designando a narrativa com alto grau de interconexão, a informação vinculada [...]. Pense na hipermídia como uma coletânea de mensagens elásticas que podem ser esticadas ou encolhidas de acordo com as ações do leitor. As idéias podem ser abertas ou analisadas com múltiplos níveis de detalhamento. (NEGROPONTE, 1996 apud NUNES, 2005, p.57)

Assim, o uso da hipermídia se tornaria mais amplo, no sentido em que engloba não somente textos, mas as várias categorias de *media* (meios) digitais como vídeos, sons e imagens. Silnei Soares chega a propor que os termos sejam relacionados por adição. Assim a hipermídia seria uma “combinação da multimídia com a estrutura do hipertexto, ou escritura reticular multidimensional” (SOARES, 2003, p.1).

George Landow, entretanto, sugere que os termos devam ser tratados como sinônimos, uma vez que mesmo o hipertexto permite a conexão com mídias de outras naturezas.

A hipermídia simplesmente estende a noção de texto em hipertexto pela inclusão de informação visual, som, animação e outras formas de dados. Uma vez que hipertexto, que faz a passagem de alguém do discurso verbal a imagens, mapas, diagramas e som tão facilmente quanto a outra passagem verbal, expande a noção de texto para além do puramente verbal, eu não distingo entre hipertexto e hipermídia. (LANDOW, 1997, p.3, tradução nossa)

Uma outra expressão, por vezes tida também como sinônimo, é a palavra multimídia. Essa já se distingue de forma mais enfática das duas primeiras, uma vez que trata

da apresentação de um tema através de mais de uma mídia, muitas vezes aplicados a ambientes não digitais. Assim, um evento de moda que apresenta vídeos, desfiles, músicas e outros recursos para apresentação de seu tema, estaria adequado a essa noção. Segundo Mônica Moura, “o termo multimídia não deve ser utilizado para definir a possibilidade de relações estabelecidas nas novas mídias digitais e interativas. A partir dos argumentos de Pierre Lévy, ela afirma que esse termo só diz respeito “àquilo que emprega diversos suportes ou diversos veículos de comunicação”. (MOURA, 2003)

O texto a seguir apresenta as características hipertextuais da Bíblia impressa. É fato que, em se tratando do suporte impresso, não há conexões entre mídias de natureza diferente das textuais. Não se pode negar que, sob alguns aspectos, elementos visuais não verbais fazem parte da estrutura de informação, o que a rigor elevaria a interpretação ao nível da hipermídia. Mas optando-se pela abordagem de Landow que entende como mais importante a idéia de *hiper* do que seu sufixo, apresentam-se tanto as referências a leituras hipertextuais quanto as hipermidiáticas na Bíblia, mesmo que se escolha falar de hipertexto de uma maneira geral e hipermídia quando os autores somente assim o descreverem.

Primeiramente são descritas as características que definem o hipertexto a partir do estudo de alguns autores que tratam do assunto, e em seguida são trabalhados esses conceitos para a análise de alguns exemplares de Bíblias impressas.

3.1.1.

A construção do hipertexto

Como foi descrito anteriormente, Theodore Nelson apropriou o termo hipertexto primeiramente à noção de leitura não-linear. No âmbito digital, a não-linearidade é representada pela composição variável na seqüência dos nós ou lexias, às quais Lúcia Leão (1999) relaciona a blocos de informações. George Landow (1997) atribui a Roland Barthes, no seu trabalho “S/Z”, a origem no uso do termo lexia em sua análise da narrativa balzaquiana “Sarrasine”, onde a relaciona a unidades de leitura da obra. Essas lexias estariam, no caso do hipertexto, interligadas por conexões chamadas de links, que funcionariam como pontes levando um conteúdo informativo a outro. Esses seriam de várias naturezas em se tratando de um ambiente hipermidiático. Assim, uma imagem dentro de uma lexia poderia ser um link para outra lexia que, por sua vez, poderia ter palavras específicas selecionadas funcionando como links para outros nós e daí por diante. A não-linearidade se daria, portanto, na medida em que esses quebrariam uma pré-concebida seqüência ordenada entre as lexias.

Entretanto, outras características, além da não-linearidade, foram identificadas e surgiram por consequência dessa estrutura, quebrando alguns paradigmas comuns à linearidade que vão além da simples seqüência de leitura.

São vários os autores que apresentam essas características, muitas das quais intrinsecamente associadas ao hipertexto no ambiente digital. Nesse último aspecto inserem-se as discussões acerca do texto publicado na Internet. Algumas características, como a contraposição perenidade/dualidade, somente existiriam em função de sua natureza virtual.

A escrita eletrônica toca, pois, dois pólos extremos: por um lado, a fixação perene, intemporal de textos e documentos, já que os sistemas de depósito virtual não estão sujeitos à usura do tempo nem à finitude do espaço; mas por outro a produção textual mais efêmera, introduzindo na escrita uma dimensão de provisoriedade, de contingência, que essa, enquanto inscrição em suporte fixo não possuía. (BABO, 2004, p.105)

De fato, como já foi dito, é na concepção de um ambiente digital que surge a idéia de leitura hipertextual e é, sem dúvida, nele que os futuros desenvolvimentos parecem querer florescer.

Entretanto, diversos estudiosos apresentaram a possibilidade de entender o hipertexto também no suporte impresso. Isso se dá na medida em que se amplia a percepção das possibilidades em torno das características do hipertexto. No caso da Bíblia impressa, serão algumas dessas que fundamentarão a análise desse novo modo de leitura dos textos sagrados.

No intuito de buscar referências para relacionar esse tipo de leitura à Bíblia impressa, buscou-se apresentar as principais caracterizações do hipertexto e tomá-las como paradigmas para a análise. Uma vez que cada autor expõe sua definição dentro de um determinado contexto, visando uma construção específica de discurso, não é possível tomar como sinônimos os diversos adjetivos que cada um escolhe para classificar as características hipertextuais. Desse modo, a tabulação dos aspectos que cada autor expõe, apresentada adiante, mostra de maneira panorâmica como esses se relacionam. Eles foram distribuídos de tal modo que se relacionem conceitualmente com os aspectos expostos por um dos autores tomado como parâmetro conceitual.

3.1.2.

As características hipertextuais na narrativa

A Bíblia fundamenta-se, além de tudo, na história da humanidade sob a paternidade de Deus. Como foi dito do no início deste trabalho, ainda que seus textos tenham cedo ganhado espaço nos suportes de escrita, a tradição oral exerceu significativa influência na sua elaboração. Por consequência, o discurso narrativo é predominante na construção de sua leitura.

Por esse motivo, e pelo fato de tratar-se da análise da hipertextualidade em um suporte impresso, tomou-se como parâmetro as características hipertextuais apresentadas por Phillip Rhodes no seu estudo “*Designing hypermedia: narrative theory within a cognitive context*” (1998). O trabalho consiste principalmente em descrever como se dá a relação entre o usuário e a linguagem hipermediática, focalizando o designer como agente na escolha dos parâmetros que definirão o projeto gráfico desses ambientes. A partir daí ele apresenta a proposta de entender a elaboração do sistema de hipermídia sob a ótica da estrutura narrativa. Em seguida, o autor elabora uma relação de aspectos identificados a partir das definições de vários autores estudiosos da narrativa literária – dos quais seleciona oito – e os interpreta como características que o designer deve procurar no projeto de hipertexto. Essas são: *totalidade, elementos, seqüências, conjunções, caracteres, ponto de vista, tempo e causalidade*.

O primeiro elemento, a **totalidade**, se sustenta na construção aristotélica da narrativa que constitui-se de um começo bem definido, um meio e um fim que devem “ser organizados de tal forma que se um deles for alterado ou subtraído, o efeito de totalidade será seriamente interrompido” (RHODES,1998, p.650). O autor destaca, entretanto, que no hipertexto não há um começo nem um fim definidos. Nesse caso, a totalidade se revela nas sínteses das diversas leituras às quais o designer estabelece “processos de fechamento” que não terminam no hipertexto, mas completam pequenas narrativas.

Essa falta de totalidade é destacada por Lúcia Leão (1999) como uma impressão que pode causar inclusive desconforto nos usuários do ambiente digital, pois “a simples atitude de seguir uma série de links não é suficiente para criar um todo coerente na mente do leitor” (1999, p.129). Por isso, a autora compara o hipertexto com um labirinto onde o usuário não pode saber qual sua real extensão (1999, p.114-116). Por outro lado, como no labirinto, essa totalidade existe no momento em que o leitor dá por percorrido seu trajeto. Assim, inserido na não totalidade física do hipertexto está a totalidade vivida pelo leitor, que constrói sua leitura ou seu percurso e faz existir, onde até então não havia enquanto virtualidade, um começo e um fim.

A segunda característica da narrativa exposta por Rhodes sustenta-se também na estrutura aristotélica na qual

“a totalidade é composta de **elementos**” (1998, p.651). Esses elementos seriam os processos ou funções da narrativa que definem sua estrutura. Baseado nas 31 funções elaboradas por Wladimir Propp, Rhodes definiu como fundamentais ao hipertexto um total de 14 elementos⁴⁷. Muitos desses elementos não são facilmente identificáveis em uma narrativa hipertextual, mas outros se mostram bastante apropriados para esse tipo de leitura uma vez que seriam associados às *lexias* ou nós do hipertexto.

Lucia Leão demonstra ainda que, em função das possibilidades metafóricas adotadas pelos programas digitais, as *lexias* podem variar bastante. Desse modo, a partir de um *webmail*⁴⁸, o usuário pode ser direcionado a uma página de relacionamentos que, por sua vez, o indica para uma de buscas multimídia, onde encontrará um videoclipe com referências a uma página apresentando a letra da música visitada anteriormente e assim, *lexias* de naturezas bastante diferenciadas vão construindo a trajetória do navegador.

Por **seqüências**, Phillip Rhodes relaciona a ordenação dos elementos que deve definir a narrativa. Segundo a estrutura aristotélica essa seqüência deve seguir a dos aparecimentos dos elementos (cf. nota 47). Ao relacionar com a leitura hipertextual, o autor apresenta uma questão que se faz importante em relação à linearidade das leituras. Como já foi dito, originalmente o termo hipertexto referia-se fundamentalmente à leitura não-linear dos textos apresentados. Para Rhodes, a leitura é multilinear uma vez que há várias linearidades possíveis. Ilana Snyder (1997), em seu estudo sobre a hiperficção, discute o fato de que cada leitura possui uma linearidade que é construída pela experiência adquirida do leitor:

Em um sentido, cada leitura de uma hiperficção é uma experiência linear: confrontado um quadro com outro, você ainda está inserido em uma narrativa, por mais confuso que possa ser. Ao mesmo tempo, uma hiperficção parece conter mais de uma voz e mudar a direção abruptamente. Cada hiperficção direciona de sua maneira o conflito entre a linearidade da experiência de leitura e a multiplicidade da hiperficção. (SNYDER, 1997, p.96)

Rhodes desenvolve, nesse intuito, uma rede à qual denomina “modelo narrativo”, que auxilia ao designer na compreensão da composição multilinear dos elementos (Figura 41).

⁴⁷ São esses: 1. cenário; 2. apresentação do narrador; 3. identificação das personagens; 4. a jornada começa; 5. a trama é apontada; 6. outra personagem é introduzida; 7. auxílio explanatório é usado; 8. a razão é apresentada; 9. a questão é exposta; 10. o conflito é reconhecido; 11. a questão é respondida; 12. o conflito é resolvido; 13. a jornada é concluída; 14. síntese. (RHODES, 1998, p.651)

⁴⁸ Tipo de correio eletrônico que é acessado a partir de um *website* e não pelo uso de um aplicativo específico.

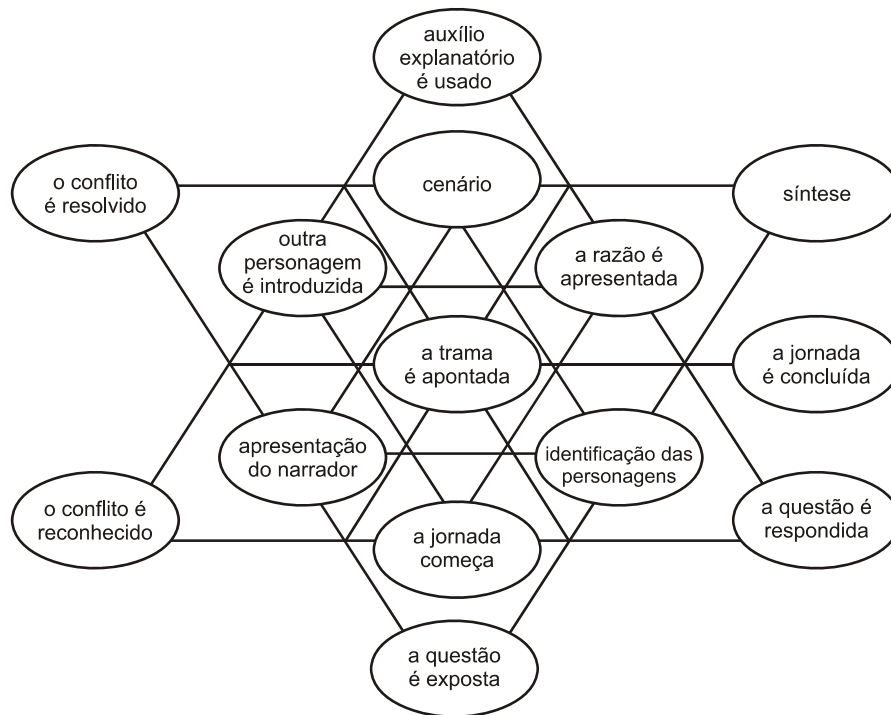


Figura 41 . Diagrama apresentado por Rhodes em que cada elemento (lexia) pode se conectar com os demais na construção de uma narrativa hipertextual.

Mesmo que essas multilinearidades sejam possíveis, a idéia de não-linearidade ainda se sustenta pela quebra da linearidade intencional do texto. Assim, uma série de lexias construiria pequenas linearidades na medida em que o leitor seguisse uma seqüência programada para a mesma. A não linearidade estaria presente quando essa seqüência fosse alterada. Mesmo que se possa falar em uma nova linearidade, essa é consequência de uma quebra arbitrária na linearidade total da narrativa. Com isso concorda Silvana Monteiro (2000, p.25):

Palacios (1999) ainda afirma que o leitor precisa sempre encontrar a sua linearidade de leitura e assim sendo, o hipertexto é multilinear, em vez de não-linear. Sobre esse aspecto discordamos, pois do ponto de vista do autor ou emissor, ou mesmo do construtor do site, a organização do mesmo é feita através de uma rede de nós conectados, e a arquitetura randômica do texto sugere sempre a não-linearidade.

À quarta característica hipertextual, Rhodes chama de **conjunções**. Essas se fundamentam no argumento de que a construção da narrativa não está somente na dimensão sintagmática, mas também possui uma dimensão paradigmática. Assim, as conjunções são as pontes que ligam as lexias por linearidades conceituais e não necessariamente formais. Essas conjunções seriam os links, uma vez que esses surgem esporadicamente distribuídos nas lexias e podem, a qualquer momento, indicar caminhos cujo sentido pode se distanciar da intenção inicial do navegador. Em re-

lação a essa característica, Lucia Leão (1999) discute a existência de dois tipos de links: os conjuntivos, do tipo “e” (conjunções paradigmáticas) e os disjuntivos, do tipo “ou” (conjunções sintagmáticas). Ela explica que:

Os links disjuntivos têm sido empregados mais freqüentemente e correspondem a situações nas quais, ao “clique” sobre um termo destacado, o usuário é levado para outro ponto do sistema. Os links conjuntivos são bem interessantes, pois levam a uma experiência de simultaneidade. (LEÃO, 1999, p.31)

Nesse último caso, a autora exemplifica com as janelas tipo *pop ups* que se sobrepõem às janelas principais permitindo leituras paralelas das lexias.

Por **personagens**, Rhodes começa lembrando que esses fazem parte de um dos 14 elementos já descritos. Apesar de, segundo ele, alguns autores não os considerarem de importância decisiva em uma narrativa, “idéias mais contemporâneas sugerem que as personagens são de fato fatores determinantes em uma estrutura sintagmática” (1998, p.653). São elas que apontam os caminhos a serem traçados na narrativa em função de seus perfis. Devido à função da interatividade dos meios hipertextuais, tanto há uma metamorfose nas características das personagens quanto o próprio leitor pode colocar-se como personagem. Ilana Snyder (1997, p.93) destaca que a participação do leitor na escolha da seqüência de leitura é um dos principais aspectos da interatividade. Para a autora, nem os textos eletrônicos nem os textos impressos são totalmente interativos, tomando-se essa noção a rigor, uma vez que interação requer um diálogo que acontece entre duas ou mais partes. Sua limitação se daria na medida em que todas as escolhas levariam a um mesmo final da narrativa. Exceto, naturalmente, quando a própria estrutura do livro permitir outras escolhas.

Porém, ainda que limitada, a interatividade ocorre no hipertexto impresso, no momento em que o texto direciona o leitor para um caminho e esse, por sua vez, constrói sua própria narrativa e direciona aquele para a construção de um sentido próprio. No momento em que as personagens são os elementos da narrativa que testemunham e protagonizam seu desenrolar, elas se tornam os agentes interativos diretos na sua construção e deixam de ser elementos fixos.

Seus traços iniciais, que numa narrativa tradicional permanecem as mesmas durante todo o percurso, quando inseridas no contexto hipertextual, perdem totalmente a rigidez, uma vez que os contextos são determinados no momento da leitura construída pelo usuário.

Além disso, esse usuário/leitor pode, muitas vezes, deixar de lado seu papel de simples espectador e se tornar personagem. É no ambiente dos jogos eletrônicos que essa correspondência se torna mais evidente. São vários os exemplos de “jogos em primeira pessoa” em que o jogador



Figura 42 . Exemplo de jogo em primeira pessoa, onde o jogador vê com os olhos da personagem principal.

assume o papel do protagonista, numa atividade em que a interatividade é o elemento principal.

O próximo aspecto corresponde à característica chamada por Rhodes (1998) de **ponto de vista**. Ela determina a posição de quem está narrando, se é externo ou interno à narrativa. Ele destaca que a interatividade pode trazer a ilusão do leitor sempre na perspectiva da primeira pessoa (narrador interno). No ambiente hipertextual, essa característica corresponde ao próprio processo interativo, na medida em que é pela participação do leitor que a narrativa é construída, seja ele personagem ou espectador.

Outra característica exposta pelo autor é o **tempo**, o qual o autor coloca como de extrema importância na estrutura narrativa. Ele destaca que o designer “não deve considerar o tempo somente nos elementos individuais da narrativa, mas também na geração das seqüências dos elementos” (1998, p.653, tradução nossa).

A última característica destacada pelo autor é a da **causalidade**. Ele a relaciona com a coerência da narrativa. Essa se dá no sentido de determinar a lógica construtiva na seqüência, o que exclui a possibilidade de conexões totalmente esparsas entre as lexias, obrigando a haver uma relação de proximidade mínima entre elas.

3.1.3.

Outras definições

Os demais autores estudados são Pierre Lévy (1993), Robert Fowler (1994) e Mônica Moura (2005). Os três apresentam diversas características do hipertexto numa estrutura de tópicos, que serão tomadas literalmente no desenvolvimento do texto a seguir. Outras duas autoras já estudadas, Lúcia Leão (1999) e Illana Snyder (1997) desenvolvem as características do hipertexto de modo diverso em seus trabalhos e também serão tomadas como referência. A primeira faz um estudo mais aprofundado sobre o hipertexto e deixa dispersos os aspectos em toda a sua monografia, enquanto a segunda apresenta um capítulo onde trata especificamente do que ela chama de “hiperficção”, relacionando hipertextualidade e narrativa. Os dois últimos trabalhos são apresentados durante as análises das características, servindo como fundamentos que fazem a interligação entre os conceitos dos demais autores.

Certamente não há a intenção de elaborar uma lista exaustiva dos estudiosos que tratam do assunto, mas são escolhidos aqueles nos quais encontra-se uma proposta analítica das características hipertextuais, com exceção das duas últimas, já justificadas.

O autor de “As tecnologias da inteligência” foi um dos pioneiros na análise dos sistemas hipertextuais e tem sido referência em vários estudos na área. Em seu trabalho sobre a metáfora do hipertexto, Pierre Lévy (1993) organiza as características dessa forma de leitura em seis partes às

quais denomina de princípios abstratos do hipertexto. São os princípios da *metamorfose*, *heterogeneidade*, *multiplicidade e de encaixe das escalas*, *exterioridade*, *topologia e mobilidade dos centros*. Sua idéia é que o hipertexto dá conta não somente da comunicação, mas “é também uma metáfora válida para todas as esferas da realidade em que significações estejam em jogo” (LÉVY, 1993, p.25). Entendidas de modo sintético, é possível descrever e relacionar as características expostas pelo autor da seguinte forma:

1. **Metamorfose** – trata da instabilidade estrutural da rede. “Sua extensão, sua composição e seu desenho estão permanentemente em jogo para os atores envolvidos”, aos quais o autor relaciona ao usuário e aos elementos componentes do sistema informacional. Ainda que na narrativa as personagens sejam sujeitos fixos, para a hipertextualidade elas podem se transmutar quando o próprio leitor se situa como uma de suas manifestações. Lúcia Leão (1999), ao descrever sobre a literatura potencial, destaca que sua característica se baseia no fato de que os “elementos constitutivos estão empilhados, e é só no ato da leitura que a obra se realiza” (1999, p.35). Esse tipo de literatura, fundamentada na interatividade, se encaixa no conceito de metamorfose de Lévy, da qual participam as personagens de Rhodes.
2. **Heterogeneidade** – diz respeito à natureza diversa dos elementos que representam os nós e as conexões ou as lexias. Sons ligam-se a palavras, que se conectam com imagens e daí por diante. A heterogeneidade, nesse sentido, é uma característica intrínseca aos elementos da narrativa hipertextual. Assim, se relacionam ao que Rhodes (1998) determina como elementos da narrativa.
3. **Multiplicidade e encaixe das escalas** – cada nó é composto por uma rede que se compõe de outros nós. Visto de modo panorâmico, cada trecho narrativo é uma construção detalhada de nós que se constituem em si trechos narrativos independentes. A multiplicidade e encaixe das escalas ocorrem no nível das seqüências da narrativa, descrita por Rhodes (1998), em que trechos de uma lexia ou a relação entre elas determinam leituras diversas.
4. **Exterioridade** – a composição e recomposição da rede hipertextual depende de agentes externos a ela. São os autores na construção da narrativa que se colocam como ausentes no momento de sua leitura, mas são presentes na sua elaboração. Aqui é determinante o ponto de vista da

narrativa onde as personagens são co-autoras ou apenas atuam como observadoras do espaço construído. E, na ótica da hipertextualidade, o próprio leitor pode ser personagem e narrador em primeira pessoa. Sua presença externa, mas determinante na construção do hipertexto, relaciona-se com o aspecto do ponto de vista da narrativa descrita por Rhodes (1998).

5. **Topologia** – Determina que, no hipertexto, tudo funciona por caminhos traçados. Todo o deslocamento dos acontecimentos acontece através dos nós da rede, interligados entre si. Essa interligação cria um espaço que é a própria rede. Há uma relação direta com a causalidade da narrativa, uma vez que essa depende das interligações, sem as quais perde a sua lógica interna.
6. **Mobilidade dos centros** – Não há uma única centralização da rede. Cada lexia pode ser um centro de percursos rizomáticos que perpassam outros possíveis centros. Refere-se às conjunções da narrativa que são as pontes diversas que levam às várias possibilidades de seqüências entre as lexias.

Robert Fowler (1994) propõe um estudo onde relaciona as características do hipertexto com as do discurso oral. Há uma enorme influência da oralidade na formação da narrativa bíblica, como foi demonstrado anteriormente, portanto são muito importantes as características descritas por esse autor. Sua lista apresenta sete dessas, destacadas a seguir:

1. **O hipertexto demanda um leitor ativo (interatividade)** – ele torna difusa a distinção entre o leitor e o autor. “O leitor de um hipertexto é sempre um co-autor do texto lido” (1994, tradução nossa). Essa característica pode ser também chamada de interatividade, à qual foi anteriormente relacionada ao ponto de vista na narrativa.
2. **O hipertexto é fluido, múltiplo, mutante (fluidez)** – aqui o autor faz uma comparação com o texto impresso que é sempre fixo e estático, enquanto o texto eletrônico é fluido. A própria definição do autor expõe sua relação com a narrativa: “A linguagem linear da página impressa estimula a um único ponto de vista; o hipertexto multilinear guia a si mesmo a múltiplas, e talvez até conflituosas vozes” (1994, tradução nossa). A fluidez no hipertexto é uma característica respondida pelas personagens uma vez que, em função das possibilidades de leitura, essas podem mudar seus perfis.

3. **O hipertexto não tem começo nem fim (totalidade)** – O autor compara com o códice, em que ficam claras a totalidade, o ponto central e as aberturas, e que se contrapõe ao hipertexto, onde essas partes não são palpáveis. A relação com a totalidade da narrativa é imediata, entendendo que, como destacou Rhodes (1998), essa característica é percebida como pequenas totalidades sintetizadas pelo leitor.
4. **O hipertexto é multicentrado** – Assim como em Lévy (1993), que expõe a mobilidade dos centros, Fowler discute que cada lexia pode ser um centro de onde saem outros caminhos. Do mesmo modo, relaciona-se com as conjunções da narrativa.
5. **O hipertexto é um texto em rede** – como a multiplicidade de Lévy, esse item discute as várias interligações possíveis entre os textos em que há uma hierarquia definida. Refere-se às seqüências da narrativa.
6. **O hipertexto é colaborativo** – Fowler ressalta o fato de que o leitor colabora com o autor pelo fato de que aquele constrói sua leitura pelas escolhas feitas. Essas escolhas dependem de relações entre si e são induzidas pelo contexto do leitor. Assim, entende-se como sendo as causalidades da narrativa que determinam a natureza lógica dessas leituras.
7. **O hipertexto é anti-hierárquico e democrático (democracia)** – a intenção do autor é demonstrar que as possibilidades de comunicação no meio digital não dependem de instituições sociais hierarquizadas. Qualquer usuário pode participar da construção das narrativas. No sentido em que os argumentos pertencem a todos que dele participam, não há fixação de uma ordem e permite-se uma multiplicidade de idéias. Por esses motivos, há uma relação com as seqüências da narrativa que, nesse caso, não obedecem a uma ordem pré-estabelecida.

Mônica Moura (2005) apresenta um estudo sobre o design de hipermídia. Seu texto aproxima-se de Phillip Rhodes (1998), no sentido em que busca apresentar indicações para o designer que desenvolverá projetos para o ambiente hipermidiático. Sua sistematização também se aproxima, sob muitos aspectos, ao de Pierre Lévy (1993), o que a coloca como uma síntese entre esses dois autores.

Como os demais, seu trabalho relaciona-se à aplicação nos sistemas digitais e não impressos, onde estabelece

que a linguagem de hipermídia se estrutura a partir de três componentes: os princípios, as características e os elementos. Em relação aos princípios, ela subdivide em oito itens e determina que esses “indicam e representam a origem, a fonte geradora na constituição da linguagem do design de hipermídia” (2005, p.2). Quanto às características, a autora apresenta três manifestações em que as define como propriedades e qualidades fundamentais norteadoras do design de hipermídia. E por elementos ela apresenta as diversas naturezas que compõem o sistema de hipermídia como som, vídeo, imagens etc. Por haver nos três itens apontados como características da linguagem de hipermídia conceitos que, de certo modo, são representados nos oito princípios discutidos pela autora e porque alguns desses possuem relação estreita com as seis características expostas por Pierre Lévy (1993), optou-se por adotá-los como as características com as quais serão estabelecidas as relações com as outras definições. As características (princípios), portanto, apontadas por Moura são:

1. **Multiplicidade** – como Pierre Lévy, a autora apresenta esse aspecto como a abundância nas linguagens e inter-relações possíveis. Nesse sentido, também há a relação com as seqüências da narrativa que podem variar em ordem e número.
2. **Metamorfose** – refere-se também, no sentido de Lévy (1993), às possibilidades de transformações presentes nos elementos. A autora destaca que “essas mudanças podem se dar no nível da criação, determinadas pelo autor, e no da interação, pelas interferências e co-criação do usuário/interator” (2005, p.3). Do mesmo modo que em Lévy, essa característica foi associada às personagens da narrativa.
3. **Processamento e síntese** – essa é uma característica determinada pela participação externa na construção do hipertexto. Refere-se à preparação e digitalização dos elementos para sua leitura hipertextual. Dessa etapa, o próprio leitor participa na construção das leituras. Processamento e síntese podem ser relacionados com o ponto de vista da narrativa, no sentido em que o leitor é tanto construtor quanto participante do objeto construído.
4. **Potencialidade** – “O princípio da potencialidade refere-se à totalidade dos meios disponíveis na hipermídia, ao seu poder combinatório e também às suas possibilidades de vir a ser” (2005, p.3). As obras hipermidiáticas seriam, portanto, infinitamente inacabadas, estendendo-se para vários começos e vários finais. Relaciona-se à totalidade da narrativa.

5. **Complexidade** – a autora define como a característica que expressa a complexidade nas inter-relações entre as unidades do sistema. Expressa-se pela variedade de “leituras e interpretações possibilitadas pela interação no universo da hipermídia” (2005, p.4). Essas inter-relações “polisêmicas, complexas e paradoxais” se estabelecem por causalidade e assim se relacionam com essa característica da narrativa.
6. **Conectividade** – trata das conexões (links) entre as lexias. Nesse sentido, a autora se aproxima de Rhodes (1998) pela referência direta às conjunções da narrativa.
7. **Heterogeneidade** – como Lévy, a autora relaciona essa característica à variedade existente entre os elementos ou lexias. Heterogeneidade pode ser relacionada aos elementos da narrativa.
8. **Mobilidade** – esse último aspecto relaciona-se à descentralização dos elementos. Não há uma hierarquização, tendo em vista que cada lexia pode ser o começo de uma nova rede. Também se relaciona às conjunções da narrativa, não pelo aspecto das ligações mas pelo das construções paradigmáticas que a descentralização permite.

Estabelecidas as relações entre as características apresentadas por esses autores, apresenta-se uma tabela que demonstra como essas se posicionam em relação às oito características elaboradas por Phillip Rhodes:

Phillip Rhodes	Pierre Lévy	Mônica Moura	Robert Fowler
Totalidade		Potencialidade	Sem totalidade
Elementos	Heterogeneidade	Heterogeneidade	Redes de texto
Seqüências	Multiplicidade	Multiplicidade	Anti-hierárquico
Conjunções	Mobilidade	Conectividade	Multicentrado
		Mobilidade	
Personagens	Metamorfose	Metamorfose	Fluidez
Ponto de vista	Exterioridade	Processamento	Interatividade
Tempo			
Causalidade	Topologia	Complexidade	Colaborativo

Tabela 1 Tabela comparativa entre as diversas características do hipertexto.

Apesar de ser possível as relações entre os diversos tópicos apontados pelos autores, nota-se que a característica da narrativa relacionada ao tempo, destacada por Rhodes (1998), não encontrou par nas exposições dos outros autores. Curiosamente, esse é um fator de extrema relevância na análise hipertextual, uma vez que a compreensão de leitura está intrínseca no tempo. Sua importância se dá não somente enquanto determinante no mecanismo interno da narrativa, mas também é verificado no tempo do leitor:

Shklovsky identificou vários meios pelos quais o escritor pode manipular a forma estrutural de uma narrativa pelos contrastes entre o tempo interno (tempo do texto) e o tempo atual (tempo do leitor). (RHODES, 1998, p.653)

Mesmo a idéia de não linearidade não pode dispensar esse aspecto sob pena de questionar-se enquanto seqüência, uma vez que “a rigor, a questão do tempo como passagem, sucessividade, evanescência, não pertence à lógica da visualidade, mas sim à lógica da narrativa, que é eminentemente verbal...” (SANTAELLA, 2005, p.89). O que se verifica é que os autores, externos à idéia de narrativa, concentram, principalmente, suas idéias no hipertexto na ótica espacial, desconsiderando que tanto a leitura quanto à própria dualidade virtual/atual só se constroem sob a égide do tempo. Assim, mesmo que apresentado somente por um dos autores, esse item é considerado como uma das características mais importantes da narrativa hipertextual encontrada na Bíblia onde é decisivo sob alguns aspectos nessa definição.

3.2. Segunda parte: Análise de Bíblias impressas

O sacerdote, de pé em frente ao altar, conclama os fiéis a abrirem suas Bíblias em um determinado texto do Antigo Testamento. Esses, também de pé em posição de reverência à sacralidade da Palavra de Deus que se manifestará, encontram a passagem indicada pelo orador através de um “endereço” cuidadosamente elaborado: Livro tal, capítulo tal, versículos de tal a tal. O leitor escolhido dentre os fiéis eleva a voz para a proclamação da Palavra, à qual encerra com um mote ritualístico: “Essas são Palavras do Senhor!”.

Em seguida, o mesmo sacerdote convoca os fiéis a mudarem suas leituras para o meio da Bíblia, onde encontrarão o livro dos Salmos do qual lerá junto à comunidade, em uníssono, também um determinado trecho indicado. Segue-se a essa, a leitura de uma carta do Novo Testamento e conclui-se a sessão de leituras com toda a solenidade da proclamação do “Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo no livro...”⁴⁹

⁴⁹ Ritual da Proclamação da Palavra segundo liturgia indicada no Livro de Oração Comum da Igreja Episcopal Anglicana.

A todo esse ritual, segue-se a homilia elaborada pelo pregador (o sacerdote ou um leigo) que irá apresentar uma mensagem estreitamente relacionada às quatro leituras e aplicadas ao cotidiano dos demais ouvintes da assembléia.

Surgida na Idade Média, a Liturgia da Palavra, como é conhecida essa série de eventos ritualísticos, ainda mantém o mesmo formato e pode ser presenciada todos os domingos nas mais distantes paróquias da Igreja Episcopal Anglicana em todo o mundo. Com algumas variações em outras denominações protestantes e católicas no Brasil, esse tipo de leitura é comum e faz parte de uma série de possibilidades de usos da Bíblia Sagrada nas igrejas cristãs.

Como foi visto na abertura deste capítulo, não é novidade o uso hipertextual da Bíblia. De fato, ela se dá desde muito cedo na sua história. A própria constituição oral dos primeiros textos, os diversos formatos pelos quais passou e a opção pelo códice como formato bíblico por excelência fez da Bíblia um livro hipertextual por natureza.

A tarefa agora é determinar, para além das primeiras impressões, quais seriam as características que determinam a hipertextualidade que se encontra nas leituras da Bíblia Sagrada. Para isso, o levantamento de alguns exemplares da Bíblia impressa pode servir para demonstrar essas características. Certamente, uma exposição tipológica completa das bíblias no Brasil seria uma tarefa exaustiva e ineficaz. Isso porque dependeria de uma catalogação rigorosa das suas diversas publicações, o que, mesmo concentrado em um curto espaço de tempo, poderia ser imprecisa uma vez que sendo de domínio público a Bíblia pode ser publicada por qualquer pessoa disposta a tal tarefa. E isso de fato é possível, já que, em se tratando de um livro religioso, não são poucas as editoras que divulgam gratuitamente a Palavra de Deus⁵⁰.

Optou-se, portanto, em dividir o universo de bíblias em dois segmentos referentes à forma de apresentação de seu conteúdo e ao direcionamento de sua utilização. Nesse caso, encontram-se no mercado editorial cristão as chamadas bíblias tradicionais e as bíblias especiais. Tratou-se naturalmente de edições predominantemente em língua portuguesa, exceto em casos em que a presença de outro idioma determine uma especificidade a ser analisada. Apesar das mais variadas traduções, não houve nesse quesito qualquer distinção, a não ser no que diz respeito à diferenciação entre as bíblias católicas e as protestantes.

⁵⁰ Mesmo a maior editora de Bíblias no Brasil (S.B.B.) possui um segmento específico destinado à doações de Bíblias às comunidades necessitadas. (cf. <http://www.sbb.locaweb.com.br/doacao1/doacao1.asp>)

3.2.1. O objeto de estudo

No capítulo anterior viu-se como os anos posteriores ao século XII até os que seguiram à Reforma Protestante deram enormes contribuições ao que se entende como leitura hipertextual da Bíblia. O florescimento do espírito acadêmico e a maior presença da crítica histórico-científica em relação aos textos bíblicos intensificaram as práticas exegéticas alterando de forma profunda o seu modo de leitura e usos, dentre os quais o litúrgico é um dos exemplos marcantes.

Nesse período, um número grande de recursos gráficos foi elaborado reconfigurando, em alguns casos quase totalmente, a imagem de Bíblia que se tinha até então. Os séculos que se sucederam foram importantes, no entanto, menos pelos novos recursos que pudessem surgir, mas pela fixação e organização dos mesmos, assim como a segmentação dos tipos bíblicos.

As mudanças canônicas realizadas pelos reformadores foram, sem dúvida, as mais profundas, na medida em que criaram duas categorias ocidentais de Bíblias: as católicas e as protestantes. Outros recursos como as divisões em capítulos e versículos, as referências marginais, os comentários (glosas) e concordâncias também foram cada vez mais incorporados ao ponto de, atualmente, não existir no Brasil (e também em língua inglesa⁵¹) uma única edição bíblica que não contenha, no mínimo, as divisões clássicas de seus textos.

A revisão nas traduções foi outra prática que cada vez mais ganhou corpo nos anos seguintes à Reforma. O espírito missionário impulsionou os propagadores do Evangelho a levarem a Palavra de Deus aos mais distantes povos (junto aos demais aspectos culturais que o imperialismo permitia), adequando-os sempre ao idioma local.

A oficialização, por parte da Igreja Católica, da versão latina da Vulgata e a conseqüente restrição a quaisquer outras traduções atrasou esse processo nas províncias e colônias sob a égide da fé romana⁵². Como conseqüência, Wilson Scholz (2006) conta que a primeira tradução completa do Novo Testamento na língua portuguesa foi impressa somente em 1681, enquanto a do Antigo Testamento só viria em 1694, realizadas fora de Portugal (ambas na Holanda) por um português calvinista⁵³ chamado João Ferreira de Al-

⁵¹ J. Rogerson comenta que “Até as Bíblias que não contêm nenhum comentário explicativo possuem capítulos e seções com títulos, e esses podem predispor os leitores a ver o texto de uma determinada maneira” (ROGERSON, 2003, p.39)

⁵² Vale ressaltar que a Igreja Católica nunca chegou a proibir integralmente as traduções e leituras das Escrituras no vernáculo. Suas restrições apontavam para a leitura do leigo, que deveria ser feita sob a orientação de um clérigo autorizado, e as traduções, mesmo feitas por católicos, deveriam ser autorizadas pela Santa Sé. (MAAS, 1912)

⁵³ Ainda que alguns autores insistam na sua “origem católica” (como deveria ser a de todos os portugueses daquela época),

meida. Já a Igreja Católica somente autorizaria uma tradução de sua Bíblia na língua lusitana em 1784 pelo trabalho do padre Antônio Pereira de Figueiredo⁵⁴ (MAAS, 1912b).

Ao mesmo tempo em que a Reforma estimulou as traduções ao idioma local, a proliferação de idéias e segmentações doutrinárias dos reformadores trouxe consigo uma série de revisões que resultou em uma grande variedade de versões do texto bíblico numa mesma língua. No entanto, com a abertura proposta pelo Concílio do Vaticano II, houve um salto considerável nas traduções católicas de modo que, atualmente, encontramos uma diversidade nessas traduções no Brasil tão extensa quanto as dos protestantes.

Hoje no Brasil são publicados, segundo Erní Seibert (2006a), pelo menos nove traduções nas Bíblias protestantes (das quais encontram-se disponíveis no mercado mais três além dessas), sete católicas (pelo menos mais seis podem também ser encontradas) e uma tradução ecumênica (de ambas as denominações⁵⁵).

Curiosamente, as treze versões católicas encontradas⁵⁶ são traduções independentes entre si, realizadas por comissões ou teólogos individuais. Enquanto que, das doze versões protestantes encontradas⁵⁷, seis correspondem a

Almeida se converteria ao calvinismo já aos 14 anos de idade após mudar-se para Amsterdã, onde começou suas traduções aos 16. (SCHOLZ, 2006)

⁵⁴ É importante ressaltar que houve esforços pela tradução da Bíblia para o português que remontam ao século XIII, embora todos os trabalhos realizados antes de Ferreira de Almeida se tratem de traduções parciais de alguns livros bíblicos. (SEIBERT, 2006).

⁵⁵ A Sociedade Bíblia do Brasil se propõe a ser uma entidade ecumênica, assim como as Bíblias por ela traduzida. No entanto, essa dificuldade esbarra na canonicidade dos livros sagrados, de modo que a NTLH, editada pela SBB, possui uma edição protestante e uma católica (com os deuterocanônicos). A Tradução Ecumênica Brasileira (TEB) possui uma leitura que busca conciliar as duas doutrinas, mas ainda esbarra ao trazer os livros aos quais muitos segmentos protestantes consideram apócrifos.

⁵⁶ 1. Bíblia Sagrada - Pe. Antônio Pereira de Figueiredo; 2. Bíblia Sagrada - Matos Soares; 3. A Bíblia de Jerusalém (comissão de trad.); 4. Bíblia Edição Pastoral (comissão de trad.); 5. Bíblia Fácil (Frei Paulo Avelino de Assis); 6. Bíblia CNBB (comiss. Trad.) e 7. Bíblia do Peregrino (comiss. trad.). Encontram-se ainda outras disponíveis no mercado católico: 8. NTLH (edição com os deuterocanônicos, trad. SBB); 9. Bíblia Vozes (coord.. Frei Ludovico Garmus); 10. Nova Bíblia dos Capuchinhos; 11. Bíblia Ave Maria (trad. monges beneditinos de Maredsous); 12. A Bíblia de Aparecida (antiga Bíblia Santuário, comiss. trad.); 13. Bíblia Mensagem de Deus (comiss. trad.);

⁵⁷ 1. Almeida Revista e Corrigida (ARC); 2. Almeida Revista e Atualizada (ARA); 3. Almeida Revisada Melhores Textos (ARMT); 4. Almeida Corrigida e Fiel (ACF); 5. Almeida Edição Contemporânea; 6. Almeida Século XXI, 7. Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH, comissão SBB); 8. Tradução Brasileira (comiss. trad.) e 9. Nova Versão Internacional (NIV, comiss.). Encontram-se ainda uma versão do Antigo Testamento chamada "A Bíblia Hebraica" (Editora Hagnos), uma outra tradução apresentada na "Bíblia Viva" (Trad. Kenneth Taylor) e na "Bíblia Profética" (Dr. Tim LaHaye)

revisões e atualizações da tradução de João Ferreira de Almeida, realizadas pelas Sociedades Bíblicas e por comissões de teólogos de várias denominações evangélicas. O que chama a atenção é o fato de que enquanto a Igreja Católica mantém no Brasil uma unidade doutrinária muito maior (no que diz respeito às fragmentações institucionais), suas produções bíblicas são bastante variadas. Os segmentos protestantes que, por sua vez, são fragmentados a ponto de ser quase impossível definir todas as suas vertentes, sustentam um número consideravelmente reduzido de traduções (principalmente se considerarmos como única todas as versões de Almeida), o que a princípio dá a impressão de uma unidade teológica bem maior.

Certamente, ao falar-se em traduções e versões não está se referindo às edições, uma vez que elas não se correspondem integralmente. Assim, uma Bíblia na tradução de Almeida pode encontrar diversas edições nos formatos mais variados, o que, conforme verificou-se em pesquisas de mercado, superam em muito a quantidade oferecida pelas edições católicas⁵⁸. Essa classificação não inclui as Bíblias para o público infantil, que contêm uma tradução e linguagem especialmente adequada à leitura das crianças e cujo universo é igualmente extenso.

O universo de edições de Bíblias Sagradas encontradas tanto no mercado evangélico (protestante) quanto católico é imenso. Atualmente, além das Bíblias tradicionais, são disponibilizadas variadas edições para os mais específicos públicos. Mais que Bíblias para crianças, podem ser encontradas versões específicas para o público feminino (A Bíblia da mulher – Editora SBB e Mundo Cristão; Bíblia de Estudo da Mulher - Editora Atos), jovem (Bíblia Jovem - SBB; Bíblia Teen – Editora Hagnos; Bíblia Jovem – Editora Vida; Bíblia do Adolescente – Editora CPAD; Bíblia Sagrada c/ notas p/ jovens – Editora SBB), pessoas com problemas de visão (letras gigantes, também usadas nos púlpitos), executivos (Bíblia do Executivo - Vida), em formatos de agenda (Vida), jeans (SBB), pequenas (Vida, SBB), de luxo, populares, de bolso etc. Todas essas versões (das quais foram apresentadas somente alguns exemplos do mercado evangélico) possuem variações das mesmas traduções e todas com notas de referência elaboradas de acordo com a tradução.

⁵⁸ Embora, como dito anteriormente, seja muito complexo verificar todas as editoras que publicam bíblias no Brasil, em uma amostragem feita em lojas de produtos religiosos constata-se que, enquanto as traduções católicas encontram poucas edições variadas, somente em relação às Bíblias de estudo uma única versão da tradução de Almeida (JFARA) pode encontrar pelo menos sete edições distintas.

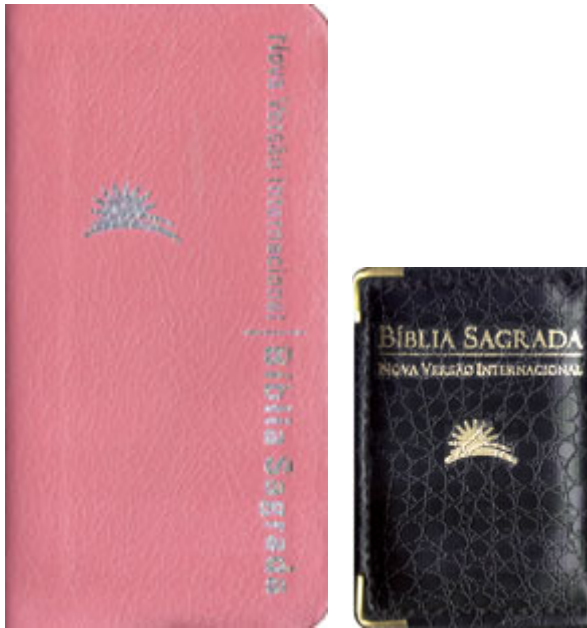


Figura 43 . Bíblia em formato de agenda e mini Bíblia em forma de carteira.



Figura 44 . Bíblias para mulheres

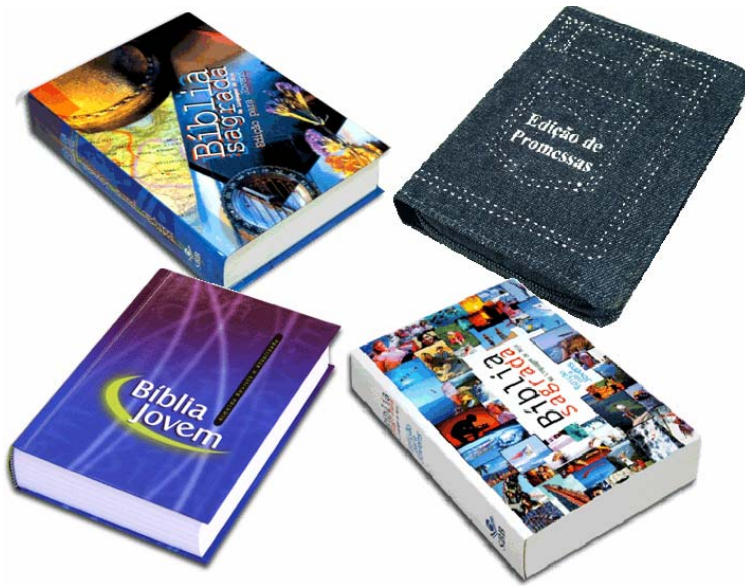


Figura 45 . Bíblias para jovens



Figura 46 . Bíblia do executivo

Há ainda uma categoria específica e que é objeto de atenção dada sua forma de leitura, que se constitui das chamadas Bíblias de estudo. Erní Seibert (2006a) destaca que esse tipo de Bíblia começa a surgir no mercado a partir da década de 1970. Certamente é uma afirmação a ser relativizada, primeiramente porque a própria definição desse termo é um tanto nebulosa. John Rogerson (2003) levanta o fato de que mesmo a primeira edição da Bíblia de Genebra, de 1560, já era rica em comentários que a deixavam mais como uma Bíblia de estudo que somente para a leitura linear dos textos sagrados⁵⁹. É possível ainda considerar as primeiras edições políglotas e com glosas também como livros

⁵⁹ De fato, a sua edição atual no Brasil a classifica entre as demais Bíblias de Estudo

que vão além da função devocional. O que é válido lembrar, porém, é que houve um período de relativa baixa na produção das Bíblias de estudo no início do século XIX.

Uma das causas do declínio das Bíblias de estudo foi a política da British and Foreign Bible Society (Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira), fundada em 1804, de imprimir Bíblias sem comentários. Não há dúvida de que a Sociedade Bíblica fez muito para tornar a Bíblia disponível a preços acessíveis. Sua política contrária aos comentários foi uma forma de reconciliar seus membros anglicanos e não-conformistas, cada um temeroso de que o outro pudesse obter uma vantagem doutrinária com os comentários. (ROGERSON, 2003, p.36)

Porém, a partir de meados desse século, onde o argumento de Seibert (2006a) se ajusta, verifica-se um aumento significativo desse tipo de Bíblias no país.

A título de esclarecimento, consideram-se como Bíblias de estudo aquelas edições cujos instrumentos de auxílio à interpretação estejam além das encontradas nas versões tradicionais, a saber: as divisões de capítulos e versículos, a presença de títulos correntes, subtítulos e referências marginais. É notável que, mesmo considerando os elementos acima como “tradicionais”, encontram-se nas Bíblias de estudo, combinadas àquelas, uma série de outros recursos gráficos, tanto no uso de elementos quanto na estrutura da diagramação que a identificarão como tais.

Apesar dessas Bíblias constituírem um ambiente fértil para a leitura hipertextual, a análise a seguir demonstra como essa característica se faz presente mesmo nas edições mais comuns da Bíblia Sagrada. Desse modo, sua adequação ao ambiente digital se dá não por um deslocamento frio para a tela do computador, mas pela transposição dos elementos gráficos hipertextuais de uso comum na versão impressa e que ganharão, de fato, maiores recursos na versão eletrônica.

A análise a seguir é feita a partir de um exemplar da Bíblia impressa pela Sociedade Bíblica do Brasil que, segundo apresentado no capítulo anterior, publica atualmente pelo menos 70% das edições protestantes⁶⁰ do país. A tradução utilizada será a de João Ferreira de Almeida - Revista e Atualizada, publicada em 1969 e impressa em 1993. Como parâmetro nas discussões exegéticas, tomou-se emprestado os comentários da Bíblia de Jerusalém (BÍBLIA, 1985), cuja natureza católica servirá de contraponto em algumas discussões.

⁶⁰ Ela distribui para, aproximadamente, 70% do mercado cristão protestante, segundo Erní Seibert (2006b).

3.2.2.Hipertextualidade impressa

A releitura completa da obra confirmou essa teoria. Em todas as ficções, cada vez que uma pessoa é apresentada a alternativas ela escolhe uma em detrimento das outras. Na obra do quase inextricável Ts'ui Pên, ele opta – simultaneamente – por todas. Portanto, ele cria vários futuros, vários tempos que dá início a outros que, por sua vez, se proliferam e se bifurcam. (BORGES, 1997, p. 98)

A análise a seguir parte das descrições sobre as características da hipertextualidade apontadas no item 3.1 e seguintes. A partir da tabela apresentada no item 3.1.3, o elemento de referência é a descrição dos elementos da narrativa discutidos por Rhodes (1998), a seguir relacionados com as características do hipertexto apontados por Lévy (1993), Moura (2005) e Fowler (1994).

A ordem seguida é diferente da estabelecida anteriormente, pois a seqüência se dá em função da percepção dos elementos hipertextuais que vão se apresentando no exemplar impresso das Escrituras.

3.2.2.1. Totalidade

Assim como na narrativa hipertextual, a Bíblia apresenta em sua estrutura elementos que lhe conferem diversas totalidades. A primeira idéia que aparece, pela percepção do objeto físico impresso, é a de que ele contradiz a premissa da não totalidade no hipertexto. Uma vez que esse não possui um começo, nem um fim determinado (RHODES, 1998), pareceria estranho à Bíblia impressa, já que suas extremidades, que determinam sua totalidade, são bem definidas pelas capas. Na verdade, a não totalidade da Bíblia se dá não exatamente no seu sentido físico, mas no conceitual. De fato, é possível entender por Bíblia tanto o livro aberto sobre o altar ou levado nos braços pelos seus fiéis quanto por sua idéia abstrata, até platônica e, por que não, virtual. Nesse último sentido, as Escrituras realmente deixam transparecer a sua não totalidade.

Um dos primeiros fatores a determinar a não totalidade começa na sua própria composição. A Bíblia, como já foi dito, trata-se de um conjunto de livros, organizados segundo critérios doutrinários das religiões aos quais se refere. Foram vários os momentos tanto de composição quanto de agrupamento desses livros. Assim, tanto é possível entender por Bíblia desde um pequeno poema, uma seqüência de leis, um único livro completo (como os Salmos), uma seqüência desses (como os Evangelhos) até um agrupamento maior de seu conjunto (como o Antigo ou Novo Testamentos).

Para o leitor atual, a Bíblia cristã é entendida como o conjunto maior formado pela união dos dois Testamentos. Ainda assim, a totalidade é comprometida pelos fatores dou-

trinários que a determinam. Desse modo, uma Bíblia completa é, para os católicos, o conjunto formado pela união de 73 livros, enquanto para os protestantes essa totalidade se resolve com 66 livros

Phillip Rhodes (1998) destaca que, segundo a noção aristotélica, a narrativa, além de um começo e um fim, possui também um meio bem definido. Mesmo que os protestantes e católicos acordassem entre si sobre o uso de um mesmo cânon, de modo a possuírem um único conjunto de livros, nada atestaria que esses seguiriam a mesma ordem. Afinal, os deuterocanônicos não são para os católicos apenas “acréscimos” ao seu cânon. De fato, para esses, os sete livros são tão canônicos quanto os demais e situam-se ordenados de forma a misturar-se com os outros livros da Bíblia, o que altera a sua seqüência de leitura.

A ordem dos livros segue a natureza de sua composição literária numa tradição herdada da Bíblia judaica. Assim, por exemplo, os cinco primeiros livros compõem o grupo chamado de Torá, ou Livros da Lei. São agrupados por fazerem parte do conjunto que teria sido escrito por Moisés⁶¹ e que, entre si, seguiriam uma ordem cronológica de sua produção e da narrativa que contêm. Até mesmo a Bíblia judaica, da qual a cristã é resultado, possui uma ordenação diferente entre seus livros.

É verdade que a última importante canonização aconteceu há quase quinhentos anos no contexto da Reforma Protestante. No entanto, a própria flexibilidade do livro, as correntes doutrinárias que surgem a cada dia e as novas descobertas científicas cuidam para que a Bíblia sempre esteja potencialmente aberta a outras composições. Nesse sentido, a idéia de potencialidade exposta por Mônica Moura (2005), que “refere-se à totalidade dos meios disponíveis na hipermídia, ao seu poder combinatório e também às suas possibilidades de vir a ser”, é amplamente presenciada pela composição da Bíblia Sagrada.

3.2.2.2. Elementos

Os “elementos” da narrativa, aos quais Phillip Rhodes (1998) relaciona como fundamentais na sua estruturação e que estão presentes nas diversas leituras da Bíblia Sagrada, relacionam-se imediatamente à heterogeneidade exposta por Pierre Lévy (1993) e Mônica Moura (2005), determinando outra de sua característica hipertextual.

Isso se dá na medida em que os elementos de Rhodes relacionam-se às lexias ou nós da rede hipertextual. Em uma leitura isolada de um determinado trecho de algum dos livros da Bíblia, é possível não encontrar qualquer traço de heterogeneidade, o que conduziria à construção de uma

⁶¹ Segundo uma tradição herdada do judaísmo e seguida até os dias de hoje por muitas denominações cristãs.

narrativa tradicional, onde os elementos encontrados poderiam ser os mesmos que ele apresenta em seu trabalho. No entanto, como foi visto no final do capítulo anterior, as práticas exegéticas, que ao longo da história da Bíblia determinaram os sentidos de sua leitura, reconceberam-na de modo que uma visão ingênua de um trecho isolado, desconsiderado a sua relação com os demais livros, já não é mais natural mesmo ao iniciante no percurso de suas páginas.

Desse modo, as leituras dos textos bíblicos sempre possuem referências entre si, ainda que não guiadas pela sua estrutura narrativa ou gráfica mas pela tradição doutrinária a que o leitor está inserido. A primeira situação é exemplificada pela metanarrativa muitas vezes encontrada na Bíblia. De fato, muitas das personagens bíblicas já conheciam as Escrituras e a elas se referiram em diversos momentos. Um exemplo encontra-se no Evangelho de Mateus onde Jesus, ao ser tentado no deserto, não respondeu às provocações de Satanás com suas próprias palavras, mas parafraseou trechos das Escrituras, não sem referenciá-las.

Então, o tentador, aproximando-se, lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que essas pedras se transformem em pães. Jesus, porém, respondeu: **Está escrito**: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus. (Mt 4,3-4, grifo nosso).

A referência às Escrituras direciona o leitor ao trecho da lei do deuteronomista onde se lê que:

Ele te humilhou, e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que tu não conhecias, nem teus pais o conheciam, para te dar a entender que não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do SENHOR viverá o homem. (Dt 8,3)

Não resta dúvida que para o leitor menos fluente nos percursos do Livro Sagrado, uma ferramenta de auxílio externa ao texto é bastante importante para estabelecer essa relação. As referências marginais são algumas das estruturas gráficas a guiar o leitor nessa compreensão.

Por último, o leitor mais conhecedor das tradições, acostumado às diversas interpretações do texto bíblico, não hesitará em relacionar a Tentação de Cristo, após quarenta dias no deserto, aos quarenta anos em que o povo hebreu perambulou no deserto tendo deixado o Egito e no qual, muitas vezes tentado, sucumbiu. A citação de trechos do Deuteronomio, cujas leis eram direcionadas àquele mesmo povo, representa mais do que uma vitória pessoal de Jesus, mas a redenção de todo o povo do deserto, o que aponta a uma mensagem profética de sua futura libertação de todos os povos da Terra (BÍBLIA, 1985, p.1842). Essa leitura é, no entanto, resultado dos trabalhos exegéticos que a Igreja fez da Bíblia ao longo de sua história. Como apontado no capítulo anterior, a coexistência no mesmo livro do Antigo e Novo Testamento determinou não só um aspecto de continuidade histórica apresentada por sua narrativa, mas também

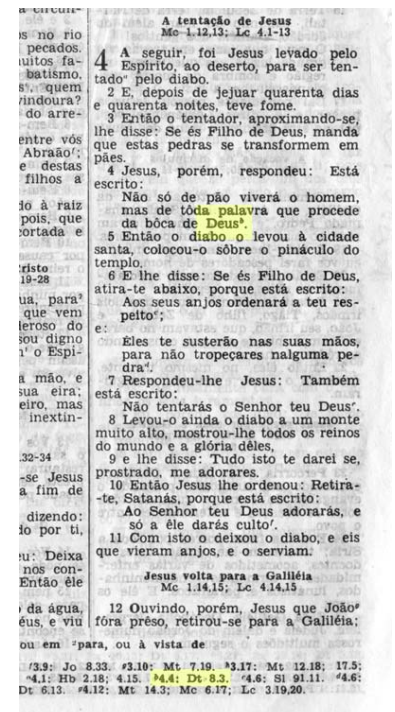


Figura 47 . Detalhe que mostra a presença das referências marginais.

uma relação tipológica em que a leitura do segundo representa a concretização das profecias do primeiro (cf. 2.4.2.2.)

Percebe-se, assim, que por meio de pelos menos três mecanismos é possível relacionar os diversos livros da Bíblia. Nesse caso, livros compostos em épocas, idiomas e contextos totalmente distintos são lexias heterogêneas correspondendo a essa característica citada e que sustentam, também sob essa ótica, a sua visão hipertextual.

3.2.2.3. Conjunções

Os elementos que ligam as lexias, ou nesse caso as passagens bíblicas, também possuem uma presença importante na construção da hipertextualidade. Phillip Rhodes (1998) chama de conjunções a característica da narrativa que funciona como uma ponte conceitual entre os elementos. No hipertexto relaciona-se com os links (cf. p.11) aos quais os demais autores descreveram como características de mobilidade, conectividade e multacentralidade. Rhodes destaca ainda que a função das conjunções é criar uma ligação não somente no sentido sintagmático, mas também no paradigmático aos quais Lúcia Leão (1999) chama de links conjuntivos do tipo “e” (conjuntivos) e do tipo “ou” (disjuntivos).

No item anterior viu-se como se dão as possíveis relações entre as diversas lexias do Livro Sagrado. Usando o mesmo trecho citado anteriormente, que narra a Tentação de Cristo, identifica-se como um dos elementos conjuntivos, a citação que Jesus faz de uma passagem no livro de Deuteronômio. A frase “está escrito” funcionaria, no sentido sintagmático, como reforço à autoridade das palavras a serem posteriormente proferidas contra seu adversário, uma vez que esse, no contexto da passagem bíblica, reconhece nas Escrituras a autoridade divina. Na sua relação com o texto do Deuteronômio, essa frase ganha importância paradigmática, uma vez que sua presença é indicativa de uma relação que vai além da personagem de Cristo, mas que se relaciona com a tentação de todo o povo judeu.

Tomando o elemento gráfico – a referência marginal – como uma outra representação dessa conjunção, ela se relaciona com o link disjuntivo, apresentado por Leão (1999), uma vez que o leitor é direcionado à página que contém a passagem referida. Também é possível relacioná-la ao link conjuntivo se for considerado que o leitor seja um hábil conhecedor do texto bíblico e a passagem lhe vem de imediato, numa leitura mental paralela ao texto escrito à sua frente⁶².

⁶² Certamente essa não é uma situação geral, no entanto não chega também a ser rara. É bastante comum, no contexto religioso, muitos usuários manterem memorizadas passagens consideradas chaves em um determinado segmento doutrinário. Essa forma de conjunção é destacada por Julie Pires ao citar o uso das rubricas aplicadas aos nomes dos deuses nos manuscritos egípcios (PIRES, 2005)

Do ponto de vista da mobilidade dos centros aos quais Pierre Lévy (1993), Mônica Moura (2005) e Robert Fowler (1994) consideram uma das características do hipertexto, essas conjunções podem levar a diversos direcionamentos em função dos perfis exegéticos do leitor. Nesse sentido, um mesmo trecho pode direcionar tanto a uma como a outra lexia. Uma passagem do Novo Testamento exemplifica um desses casos. No trecho em que Cristo, dirigindo-se a um de seus discípulos, Pedro, diz:

“E eu te darei as chaves do Reino dos céus, e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus.” (Mt 16, 19).

A exegese protestante faz a ligação à passagem no Evangelho de João, que fala:

E, havendo dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo. Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos. (Jo 20,22-23)

Sua intenção é reforçar a autoridade dada aos discípulos pelo Espírito Santo na construção e orientação da Igreja. Já a exegese católica fará a ponte com o livro de Isaías:

Porei sobre o seu ombro a chave da casa de Davi; ele abrirá, e ninguém fechará, fechará, e ninguém abrirá. (Is 22,22).

Aqui o discurso recai, de forma mais literal, sobre a autoridade em abrir ou fechar as portas do Reino dos Céus, representada pela casa de Davi⁶³, onde mais tarde a tradição romana relacionará à autoridade dos seus sucessores apostólicos em salvar ou condenar os fiéis pela ratificação de Deus (BÍBLIA, 1985, p.1870).

Segundo a definição de Moura (2005) na qual a mobilização dos centros reflete ainda a possibilidade de que cada lexia represente um novo começo, isso é visível no exemplo acima. Do mesmo modo que a passagem no Evangelho de Mateus pode ser o começo de uma seqüência narrativa, os textos de Isaías ou de João também podem dar início a uma outra seqüência onde o Evangelho acima seria uma etapa de um dos prováveis percursos. Esse posicionamento dos centros em relação às seqüências leva à outra característica verificada a seguir.

⁶³ Ancestral de Jesus, segundo o evangelista Mateus, considerado o maior dentre os reis de Israel pelos judeus. Nesse caso a Casa de Davi é o próprio Reino de Deus.

3.2.2.4. Seqüências

Phillip Rhodes (1998) determina que, segundo a tradição aristotélica, os elementos (lexias/passagens bíblicas), quando interligadas através das conjunções (links/ referências), seguem uma seqüência lógica para a construção da narrativa. Numa narrativa clássica, essa seqüência lógica responderia, a partir das relações sintagmáticas e paradigmáticas, ao seu objetivo de “informar, educar ou entreter” (RHODES, 1998, p.652).

A ordem dos elementos é, nesse sentido, essencial na determinação do sentido da narrativa. Em uma construção impressa linear, a seqüência dos elementos segue hierarquicamente uma ordem que é determinada pelo próprio movimento de leitura que vai do começo ao fim do texto. Na leitura hipertextual, no entanto, uma vez que não há uma definição fixa de começo ou fim, essa seqüência linear fica bastante comprometida. Rhodes (1998) destaca o fato de que, mesmo nessa quebra da ordem de leitura, não é adequado falar-se em não-linearidade mas em multilinearidades, uma vez que cada seqüência escolhida pelo leitor é uma pequena narrativa linear. Apesar disto, como foi dito anteriormente, o termo “leitura não-linear” parece mais adequado, uma vez que esse se refere não a um momento específico de leitura, mas à quebra da linearidade intencional do autor. Desse modo, o exemplo do item anterior, onde uma referência pode guiar o leitor para outros sentidos de leitura que não a construída pela narrativa original, é uma forma de não-linearidade, típica da leitura hipertextual.

Essa característica da narrativa, no contexto da hipertextualidade, relaciona-se com as multiplicidades, redes de texto e anti-hierarquização apresentadas pelos demais autores (cf. Tabela 1). A abundância nas inter-relações possíveis (MOURA, 2005) e o encaixe das escalas (LÉVY, 1993), onde cada lexia pode ser a composição criada pela relação entre outras lexias, são verificados quando a construção de uma narrativa não se dá somente pela leitura de uma passagem representada em uma página de um livro bíblico, mas também pela relação entre diversas passagens relacionadas entre si pelas diferentes possibilidades de conjunções expostas anteriormente.

A seqüência não-linear na leitura da Bíblia é atualmente algo tão comum quanto sua leitura linear. Ainda que originalmente os textos bíblicos tenham sido escritos segundo a construção linear da narrativa, as fortes influências exegéticas sofridas ao longo de sua trajetória alteraram de tal modo sua constituição que atualmente, no mercado nacional, já não é possível encontrar uma edição da Bíblia que não contenha um recurso gráfico que direcione à leitura hipertextual. Um exemplo simples como a divisão de versículos, cuja consequência mais direta é a segmentação da leitura, facilitando a reorganização dos elementos da narrativa é um re-

curso tão comum que já se tornou obrigatório em qualquer exemplar bíblico⁶⁴.

Como conseqüência disto, o usuário do Livro Sagrado, mesmo o mais iniciante, é imediatamente confrontado com uma estrutura gráfica singular que o induz à hipertextualidade já no seu primeiro contato. Aos mais experientes no universo cristão, os recursos gráficos das edições bíblicas tradicionais já se tornam insuficientes para uma investigação mais aprofundada, levando-os a buscar as Bíblias de estudo com sua multiplicidade de recursos hipertextuais. O que não diminui as possibilidades da primeira opção.

Um exemplo de leitura hipertextual, construída pela não-linearidade, em uma edição da Bíblia tradicional⁶⁵ será demonstrado a seguir com a finalidade de ajudar no esclarecimento da situação. O leitor que opte por iniciar a leitura do livro de Jó pode fazê-lo segundo a seqüência linear que o conduzirá pelos seus 42 capítulos na ordem em que estão apresentados. O que pode parecer uma simples forma tradicional de leitura, ao se tratar da Bíblia Sagrada, já encerra uma hipertextualidade oculta pela arbitrariedade da sua divisão em capítulos. A versão da Bíblia de Jerusalém (BÍBLIA, 1985), na introdução a esse livro, apresenta o resultado de estudos (em relação à estrutura literária ou da natureza do texto) que apontam que a seqüência tradicional dos livros não somente não corresponde à ordem original dos textos, como também apresenta alguns acréscimos posteriores, inseridos entre as partes mais antigas.

No diálogo, tem sido contestada a autenticidade de certas passagens. O poema sobre a Sabedoria (28) não pode ser posto nos lábios de Jó: contém uma noção de sabedoria que não é a de Jó nem de seus amigos; por outro lado, tem afinidades com o discurso de Iahweh (38-39). (BÍBLIA, 1985, p.880)

Assim, além do exemplo acima, constatou-se que os quatro primeiros versículos do capítulo 26 (conforme aparecem na divisão tradicional) estariam, na verdade, após os dez seguintes. O que faz com que o leitor da Bíblia tradicional em sua seqüência de leitura "linear", sem saber já esteja quebrando a linearidade original.

Agora esse leitor imaginário, ainda ignorando os estudos acima, optando por uma leitura hipertextual, poderá fazê-lo utilizando como um recurso simples as divisões e as notas marginais de sua Bíblia, às quais ele já tem contato no primeiro capítulo do Livro. Uma pequena indicação no versí-

⁶⁴ Existem no mercado edições literárias, em estrutura gráfica clássica (sem os recursos hipertextuais que mencionamos), que se propõem a fazer releituras do texto bíblico. Mas não se encontrou, durante a pesquisa, nenhuma publicação que proponha ser uma tradução da Bíblia apresentada nesse formato.

⁶⁵ Chamamos de "Bíblia tradicional" àquelas encontradas no mercado editorial classificadas apenas como "Bíblia" ou "Bíblia Sagrada". Nesse caso, optamos pelo adjetivo para diferenciá-las das edições específicas de estudo, do jovem etc.

culo 9, referente à palavra “Satanás”, o direciona ao livro de Apocalipse, no capítulo 12, versículo 10, que o direciona a outro livro segundo o diagrama a seguir:

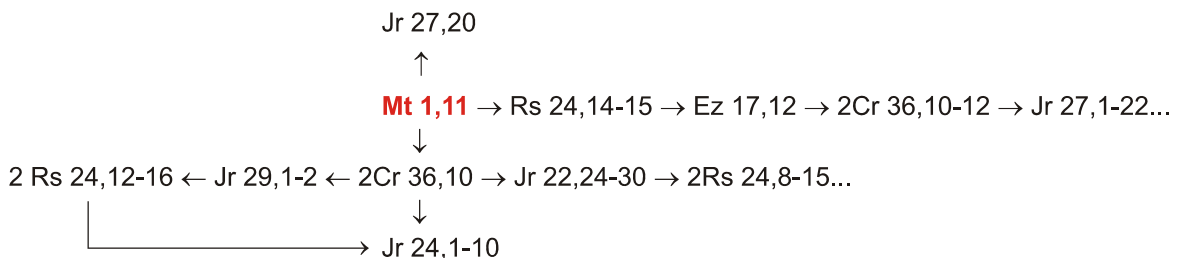
Jó 1-9 → Ap 12, 10 → Zc 3,1 → Mq 4,4 → Zc 3,10

A seqüência de leitura, tomando-se o nono versículo de Jó destacado acima, ficaria desse modo:

- Jó Então, respondeu Satanás ao SENHOR: Porventura, Jó de balde teme a Deus?
- Ap Então, ouvi grande voz do céu, proclamando: Agora, veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo, pois foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus.
- Zc Deus me mostrou o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do Anjo do SENHOR, e Satanás estava à mão direita dele, para se lhe opor.
- Mq Mas assentar-se-á cada um debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira, e não haverá quem os espante, porque a boca do SENHOR dos Exércitos o disse.
- Zc Naquele dia, diz o SENHOR dos Exércitos, cada um de vós convidará ao seu próximo para debaixo da vide e para debaixo da figueira. (BÍBLIA, 1969)

Essa leitura é uma mensagem direta à vitória daqueles que temem a Deus sobre o adversário da humanidade, que aparece sempre presente para acusá-la.

Mesmo improvável, a leitura hipertextual acima poderia ser compreendida como uma pequena linearidade, ainda que formada por lexias diferentes. Há, no entanto, casos em que a seqüência dos elementos é tão variada que forma uma estrutura em rede. Se esse mesmo leitor, por exemplo, resolver começar a leitura dos Evangelhos pelo seu primeiro livro tradicional, o de S. Mateus, ele encontrará no primeiro capítulo uma proposta de direcionamento que o desviará de tal modo de sua intenção inicial que dificilmente ele saberá retornar ao seu começo. O diagrama a seguir ilustra bem a situação:



Essas seriam possibilidades de leitura que ainda podem possuir uma abertura maior na medida em que cada lexia, acima representada pelas indicações das referências marginais, leva a outra lexia indicada e pode também, por opção do leitor, conduzir a outra lexia de sua seqüência linear na própria página. Assim, um leitor que chegasse à indicação de Jr 29,1-2, ao invés de continuar a indicação para 2 Rs 24, 12-16, poderia seguir sua leitura pelos versículos três em diante e esbarrar em outra referência que houvesse no decorrer do capítulo, começando assim uma outra seqüência diferente. Verifica-se que multiplicidade hipertextual é, nesse sentido, uma característica inteiramente observada na leitura da Bíblia impressa.

3.2.2.5. Personagens

Outro elemento que Phillip Rhodes (1998) destaca como fundamental da narrativa e cuja presença se dá como uma das características do hipertexto corresponde às personagens. Elas vivenciam, a partir de seus próprios perfis, o trajeto da narrativa. Em uma leitura hipertextual as personagens podem mudar constantemente, uma vez que seus traços não são mais fixos, mas se moldam ao conceito construído na escolha do encaminhamento da leitura. Nesse sentido, o elemento personagens é relacionado com o aspecto da metamorfose apontada por Lévy (1993) e Moura (2005). Robert Fowler (1994) ao destacar que o hipertexto é “fluido, múltiplo, mutante” (1994) reforça a idéia de que, na leitura hipertextual, as personagens não sustentam, ao longo da narrativa, um único traço.

É bastante claro que a quebra na linearidade da narrativa determina a alternância de contextos em que uma personagem atua, o que facilita sua metamorfose. Isso é bastante comum na Bíblia, principalmente porque suas personagens quase sempre representam a mutabilidade dos valores humanos. O mesmo homem que se apresenta como o mais fiel temente a Deus, no momento seguinte é visto abandonando e desobedecendo às suas leis, para, mais tarde, retornar à fidelidade anterior.

De outro modo, a leitura tipológica, elaborada pela tradição exegética da Igreja, constrói relações entre personagens distintos tanto no tempo quanto no espaço, mas cuja narrativa se completa. Nas diversas narrativas dos Evangelhos, a Jesus Cristo são atribuídas outras características além de seu perfil messiânico. Na passagem apresentada no Evangelho de Lucas, no capítulo 2, versículos 41 a 52, encontra-se o momento em que Jesus, ainda menino, assistia e ensinava sobre as escrituras aos anciãos do templo. Reprendido por seus pais por ter sumido por três dias, Jesus responde com naturalidade sobre sua natureza como Filho de Deus, ao que seus pais parecem não compreender e, de certo modo, se frustrarem com a rudeza da resposta. A nar-

rativa se encerra com uma frase na qual uma referência marginal faz a conexão direta com a passagem que relata a infância do profeta Samuel (I Sm 2,18-26). Esse se destaca dos irmãos por sua sabedoria e fidelidade aos mandamentos de Deus, ao mesmo tempo em que, ao contrário daqueles, não é repreendido por seu pai. Aqui, o Cristo ainda menino, muito antes de iniciar suas atividades como o Messias anunciado, se transforma em um dos maiores profetas da Bíblia. Sua “desobediência” é no mesmo instante desculpada pela imagem referencial ao profeta. Sua atitude de contradição aos pais não é da mesma natureza dos irmãos de Samuel, e sim fruto de sua personalidade análoga a do profeta.

A escolha pela mesma forma de expressar o texto é ainda um sinal de que essa relação é herdada do próprio evangelista.

E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens. (Lc 2,52)

Mas o jovem Samuel crescia em estatura e no favor do SENHOR e dos homens. (I Sm 2,26)

Assim, a imagem de Cristo, que em uma leitura linear do livro de Lucas é seguida pela narração de seu Batismo, seria apenas a de um menino sábio apesar de um pouco desobediente, porém, quando lida hipertextualmente, a imagem passa a ser de um futuro profeta, cuja infância é marcada pelo respeito e obediência aos pais e às Leis de Deus.

3.2.2.6. Ponto de vista

A interatividade é uma das mais celebradas características da hipertextualidade, principalmente no ambiente digital. Contudo, a interatividade, na qual o ponto de vista da narrativa é determinado, se dá no exato momento em que o leitor decide abrir o Livro Sagrado, já sendo, conseqüentemente, bastante presente na Bíblia impressa.

Um dos fatores que determina a interatividade na leitura da Bíblia é sua relação intrínseca com a oralidade. Sua história nos conta como os textos sagrados se originaram como fixação das aclamações nos templos, ou de leis, tradições e mitos desenvolvidos no contexto das relações orais. Mesmo após a imprensa, muitos séculos depois da escrita das primeiras palavras sagradas, a prática da oralidade permanece presente na própria maneira de ser da Bíblia. Christian Vandendorpe (2002) traça essa relação entre a oralidade e o texto impresso na ótica da interatividade:

A estrutura dialógica é tão mais pregnante nas obras de uma determinada cultura quanto mais próxima essa é da oralidade. Assim, era característica das primeiras obras filosóficas da civilização grega, como os diálogos de Platão.

Porém seria sempre possível localizar, segundo Bakhtin, nas obras argumentativas ou informativas, o que uma análise atenta mostraria, para muitas dessas, que o autor as redigiu prevendo as objeções eventuais de seu leitor. Com frequência, inclusive, essas últimas se manifestam na divisão dos parágrafos, cada um dos quais corresponde a uma objeção distinta. Portanto, é possível ver no escrito uma forma interatividade prevista pelo autor, que constrói seu texto com vistas ao encontro com um leitor. (VANDENDORPE, 2002, p.84-85)

No tópico sobre interatividade viu-se que quando se trata de um texto impresso, principalmente de estrutura linear, é possível falar deste aspecto ainda que limitado. Essa característica ocorre no momento em que o leitor, induzido pelo texto elaborado anteriormente, é conduzido a seguir adiante ou a interromper a leitura. Ilana Snyder afirma que:

Ainda que a verdadeira interação implique que o usuário responda ao sistema no mínimo tão frequentemente quanto o sistema responda ao usuário, e, mais importante, que as iniciativas tomadas por cada um deles, usuário ou sistema, altere o comportamento do outro. (SNYDER, 1997, p.95)

Isso leva a entender que a interatividade pode ser traduzida como uma troca constante de comportamentos e escolhas. Mesmo que nos exemplos mais elaborados, como no “Jogo da Amarelinha” de Júlio Cortazar, o leitor possa escolher mais de um começo, o que o leva a um final específico, ou a uma construção narrativa própria, essa escolha ainda é limitada pela determinação do autor que trabalhou finais específicos e pré-determinados.

Na relação oral, o diálogo é o exemplo mais rico que se pode obter sobre a prática interativa. Cada fala entre os interlocutores determina os rumos da conversa que não pode ser prevista, mesmo que haja a intenção entre eles nesse sentido.

A leitura da Bíblia, não raro, é feita pelo fiel de uma forma que vai muito além de um sentido unidirecional do autor ao leitor. Uma das metáforas mais comuns a definir sua essência atesta um comportamento diferenciado em relação às suas páginas. Entendida como a “Palavra de Deus”, o leitor é capaz de manter um diálogo real com os textos bíblicos, de modo que as escolhas, muitas vezes, são determinadas pela voz do Espírito Santo. Walter Klaiber, ao traduzir o comportamento do cristão na leitura da Bíblia, destaca, no capítulo intitulado “O falar de Deus na Palavra da Bíblia”:

Quando o Espírito de Deus abre o ouvido e o coração para a sua Palavra, aquele que é tocado pelo poder da pessoa de Jesus e de sua mensagem, entende e aceita, nas palavras das testemunhas bíblicas, a voz de Deus; isto produz de imediato uma relação pessoal muito íntima entre os textos bíblicos e o homem concreto, independente de qualquer teoria sobre a relação entre Palavra de Deus e palavras dos homens nos escritos da Bíblia. (KLAIBER; MARQUARDT, 1999, p.55)

Assim, tanto pela tradição oral à qual a Bíblia é herdeira quanto pela relação espiritual que envolve sua leitura, é possível falar-se em diálogos reais entre o leitor e a palavra escrita. Desse modo, as escolhas que determinam a interatividade colocam-no como co-autor das narrativas, agregando tanto a exterioridade, apresentada por Lévy (1993), quanto o processamento e síntese, apresentada por Moura (2005), como características do hipertexto pela ação contínua do agente externo na sua construção.

O leitor pode, dessa forma, atuar tanto do ponto de vista da terceira pessoa, como um espectador dos textos, quanto na primeira pessoa, como participante ou personagem da narrativa.

Do ponto de vista de uma estrutura fechada do texto impresso, isso parece não ocorrer na Bíblia, uma vez que cada leitura é uma resposta diferente enviada pelo “Espírito” ao leitor, que pode encontrar, numa mesma passagem, caminhos infinitos para todas as outras das Escrituras.

3.2.2.7. Causalidade

Mesmo que fragmentada e imprevista, deve haver uma lógica construtiva na estrutura narrativa. Essa lógica Rhodes chama de causalidade (1998). Na leitura hipertextual, essa causalidade traça percursos definidos, aos quais Pierre Lévy determina como a característica topológica do hipertexto. Mônica Moura fala da complexidade como o “conjunto de elementos que são apresentados em uma tecitura, que estabelecem e têm ligação entre si e que podem ser observados e inter-relacionados sob diferentes aspectos” (2005, p.4). Essa relação, determinada pela causalidade e que constrói o percurso, é costurada na Bíblia impressa sobre o pano da exegese.

De fato, é pela forma singular de leitura da Bíblia, derivada de suas práticas interpretativas desenvolvidas pela Igreja desde suas origens, que as relações de causalidade nas seqüências hipertextuais ganham sentido. Como mostramos no item sobre as seqüências da narrativa (cf. 3.2.2.4.), alguns traçados são pré-definidos no intuito de apresentar uma mensagem específica, muitas vezes relacionada com a doutrina na qual o usuário está inserido.

Para um leitor iniciante ou não, inserido em qualquer doutrina, pode ser complicado perceber causalidade na leitura hipertextual direcionada somente pelas referências marginais. Certamente ele a encontrará na leitura linear das passagens (ainda que, como se vê em 3.2.2.4, algumas passagens percam essa relação mesmo lidas em seqüência ordenada), mas aos poucos, pela imersão no contexto religioso de sua igreja, ele assimilará os elementos necessários para a construção dessa característica em sua leitura.

3.2.2.8. Tempo

Com exceção de Rhodes (1998), nenhum dos autores selecionados nessa pesquisa determinou o tempo como um fator característico da hipertextualidade. Isso se dá, provavelmente, porque não houve um compromisso direto, nos autores escolhidos, com a construção da hipertextualidade aplicada ao discurso narrativo, onde o tempo é fator determinante. Maria Augusta Babo (2005) destaca esse elemento como fundamental na narrativa:

Ao inscrever o acontecimento num movimento (temporal) e numa finalidade (o desenlace), a narrativa é portadora de sentido, a narrativa é a própria técnica de conferição de sentido ao acontecimento e, por extensão, ao próprio tempo: a história não será outra coisa senão o resultado dessa técnica narrativa do encontro da seqüência com a causalidade formando o sentido[...]

Sem dúvida esse também é um fator presente nos vários sentidos que Lúcia Santaella desenvolve no capítulo “Imagem, percepção e tempo”. Do ponto de vista da hipertextualidade, a autora destaca sobre o tempo na infografia que:

Nessa multiplicidade de possíveis, sempre reversível, o virtual subverte o registro do tempo tradicional, pois o tempo que corre e perpetuamente recomeça é constitutivo dessa imagem. (SANTAELLA, 2005, p.79)

O tempo, portanto, se dá no contexto da hipertextualidade no sentido de uma constante atualização das leituras.

Aqui fala-se, pela primeira vez neste trabalho, de um aspecto fundamental nos ambientes hipertextuais digitais, a virtualidade. Para tanto, tomou-se por base Pierre Lévy em sua obra “O que é o virtual” (LÉVY, 1996), quando o autor destaca que o virtual opõe-se ao atual. No mesmo sentido, destaca-se aqui que a leitura da Bíblia passa a ser hipertextual à medida em que a narrativa é construída e reconstruída em cada leitura.

Um pensamento se atualiza num texto e um texto numa leitura (numa interpretação). Ao remontar essa encosta da atualização, a passagem ao hipertexto é uma virtualização. Não para retornar ao pensamento do autor, mas para fazer do texto atual uma das figuras possíveis de um campo textual disponível, móvel, reconfigurável à vontade, e até para conectá-lo e fazê-lo entrar em composição com outros corpus hipertextuais e diversos instrumentos de auxílio à interpretação. Com isso, a hipertextualização multiplica as ocasiões de produção de sentido e permite enriquecer consideravelmente a leitura. (LÉVY, 1996, p.43)

Ainda que o autor esteja se referindo ao contexto digital, pode-se perceber que no caso da Bíblia impressa as diversas leituras possíveis de um texto fazem com que um trecho já lido possa ser sempre um trecho ainda por ler. Como no conto de Jorge Luis Borges (1941), “O jardim dos caminhos que se bifurcam”, o tempo é o agente que determina as várias leituras do livro chinês, onde uma personagem que hoje é protagonista, num outro momento pode se tornar antagonista.

No começo deste capítulo, foi apresentado um dos usos mais comuns do Livro Sagrado que é feito nos templos das Igrejas cristãs em todo o mundo. A liturgia, mais do que uma forma ritualística de fazer-se a leitura da Bíblia, é um processo imerso no tempo, no qual os textos sagrados constantemente se atualizam. Os ciclos que se repetem por orientação de um calendário litúrgico e que guiam as escolhas das leituras se apresentam em momentos distintos na vida da comunidade de fé. A cada ano que se lê sobre uma passagem conhecida, ela é remetida a uma nova mensagem, como se fosse a primeira vez que suas palavras fossem oralizadas pelo sacerdote. Isso se dá de forma mais rica quando não é cristalizada pelo mero ato ritualístico, mas pela liberdade de diálogo entre cada fiel. Como nos diz o teólogo anglicano Jaci Maraschin: “Todos os tempos são santificáveis como qualquer espaço. E consagráveis” (MARASCHIN, 1996, p.138). A resposta à pergunta feita pelo livreiro no conto de Borges (1999), reproduzida no início dessas análises, muito bem que poderia ser afirmativa, afinal, não corresponderiam as escrituras a um livro de areia, onde a cada momento em que se abre uma mesma página encontra-se nela mensagens que não estavam ali anteriormente?

Tanto a Bíblia quanto seu usuário estão integralmente imersos no campo da leitura hipertextual. A transposição ao ambiente digital se dará, nesse sentido, mais uma adequação dos recursos gráficos já existentes e sua estrutura hipertextual do que como uma reformulação da composição e sentido de leitura dos textos bíblicos. No entanto, o ambiente digital é capaz de oferecer recursos, principalmente no nível da acessibilidade dos elementos, que elevarão as potencialidades da leitura hipertextual da Bíblia. Esses são os aspectos a serem vistos no capítulo a seguir.